

**Um ariano forjado em bronze:  
reflexões sobre as disputas de memória em torno da estátua e da praça  
dedicadas a Gustavo Barroso – Fortaleza, Ceará (1962-2019)**

**Pedro Henrique da Silva Paes**

Doutorando em História – Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-1267-9092>  
E-mail: pedrohenriqueboris@hotmail.com

**Resumo:** Em 1962, foi inaugurada a estátua que homenageava Gustavo Barroso, diretor do Museu Histórico Nacional e militante da Ação Integralista Brasileira. Nosso objetivo com este trabalho é problematizar os processos e atores que intervieram na elaboração de memórias através desse monumento. Compreendemos a memória como um material sociopolítico dinâmico e que se (re)constrói através das disputas entre sujeitos. Portanto, propomos uma reflexão que opõem passado e presente para questionar as transformações simbólicas que esse item da cultura material cearense transmitiu ao longo do tempo, reverberando nas práticas adotadas pelos cidadãos na reivindicação do direito à memória no espaço urbano. Se a estátua de Barroso foi inaugurada com o objetivo de contemplar e eternizar a memória do cearense, cotidianamente, a praça onde está situada foi ocupada por grupos opostos que se defrontaram com a imagem de um personagem que contribuiu na organização do pensamento autoritário latino-americano e, oficialmente, legitimado pelo Estado.

**Palavras-chave:** Memória; Monumento; Disputas; Estátua Pública; Gustavo Barroso.

148

**An Arian forged in bronze: reflections on the memory disputes around the statue and square dedicated to Gustavo Barroso – Fortaleza, Ceará (1962-2019)**

**Abstract:** In 1962 it was inaugurated a statue honoring Gustavo Barroso, director of Museu Histórico Nacional (National Historical Museum) and Ação Integralista Brasileira (Brazilian Integralist Action). On that basis, this work aims to problematize historical processes and social actors which have intervened in the making of memories through this monument. We perceive memory as a dynamic sociopolitical material which (re)build itself through social actors' disputes. Therefore, we propose a reflection which opposes past and present times in order to question symbolic transformations that this Ceará's material culture item has transmitted over time, reverberating in citizens' adopted practices in their claims to the right to memory in the urban space. If Gustavo Barroso's statue were inaugurated with the aim of contemplating and immortalizing his memory, that public square was occupied by opposed groups who faced the image of a character who contributed to the organization of Latin American authoritarian thought, which was officially legitimated by the State.

**Keywords:** Memory; Monument; Disputes; Public Statue; Gustavo Barroso.

**Texto recebido em: 01/07/2022**

**Texto aprovado em: 17/11/2022**

## Introdução

Tira os pobre do centro, faz um cartão postal  
É o governo trampando, photoshop social  
Bandeirantes, Anhanguera, Raposo, Castelo  
São heróis ou algoz? Vai ver o que eles fizeram  
Botar o nome desses cara nas estrada é cruel  
É o mesmo que Rodovia Hitler em Israel  
(*Eu só peço a Deus – Inquérito*)

O campo político, principalmente no que se refere ao poder executivo brasileiro, no ano de 2021, foi marcado pela diminuição da popularidade do presidente Jair Messias Bolsonaro. Representações sócio-profissionais e partidos políticos manifestaram contra o negacionismo promovido em relação à ciência brasileira e ao conservadorismo político originário da posição ideológica de um governante orientado por valores religiosos e tradicionalistas, assim como protestaram contra a manutenção de privilégios de grupos que, historicamente, foram favorecidos pelo sistema econômico monocultor baseado na exportação e na mão de obra escrava. Dessa forma, movimentos que combatiam o racismo, o genocídio indígena, o machismo e que defendiam outras pautas sociais ocuparam as ruas para protestar contra os retrocessos do governo que batia recordes de rejeição.<sup>1</sup>

Em meio ao quadro de manifestações públicas de desacordo com o governo Bolsonaro e a influência de movimentos urbanos que ocorreram nos Estados Unidos da América<sup>2</sup> e no Chile<sup>3</sup>, os movimentos sociais que estiveram à frente dessas manifestações acionaram disputas pré-existentes no que concerne à utilização dos espaços públicos e à preservação de memórias construídas pelo Estado. Assim, os monumentos públicos que condecoravam personalidades históricas de diferentes posições ideológicas foram tomados como espaços de recordações que deveriam ser criticados ou até mesmo destruídos. Entre essas personalidades homenageadas, estavam presidentes do período da ditadura civil-militar brasileira, intelectuais que compartilhavam de ideias extremistas, como o antissemitismo, e bandeirantes que desbravaram o território brasileiro em busca de riquezas, de aprisionar índios para a escravização e de destruir organizações que resistiam ao domínio colonial, como os quilombos.

Em 24 de julho de 2021, o coletivo *Revolução Periférica* reivindicou a intervenção ao monumento dedicado ao bandeirante Manoel de Borba Gato<sup>4</sup>, no mesmo dia em que milhares de pessoas ocuparam as ruas dos 26 estados da

federação e do distrito federal exigindo o impeachment do presidente da república. Dessa forma, a tentativa de destruição da estátua que homenageava o bandeirante paulista se conectou a derrubada do monumento dedicado ao traficante inglês Edward Colston, em 07 de junho de 2020, instalado em Bristol na Inglaterra ou ao abate dos monumentos chilenos nos protestos de 2020. Ao “apoiar publicamente o debate sobre memória histórica e a necessidade de ressignificação de símbolos que remetem as identidades regionais e nacional”, o grupo de trabalho *Os índios na história* agregado à Associação Nacional de Historiadores (ANPUH), em nota, defendeu:

A estátua de Borba Gato representa a construção de um país por meio da destruição de tantos mundos e pessoas indígenas. Os responsáveis pela sua construção não pensaram em outra coisa senão homenagear alguns ancestrais da atual elite paulista, que se ergueram econômica e politicamente sobre a escravização e morte de incontáveis vidas indígenas, cujos legados são perceptíveis até hoje (NOTA..., 2021).

Isto é, uma estátua, enquanto objeto urbano implantado por agentes do passado que conseguiram imprimir na cidade suas representações, se perpetua entre os tempos e motiva discussões sobre incômodos do presente. Em contrapartida, os historiadores, enquanto profissionais que se empenham em interpretar as relações do homem entre as nuances do tempo e auxiliam na problematização de questões atuais, propõem que um ato público, como o atentado a integridade da estátua de Borba Gato, incentiva a formação de novas interpretações sobre fatos históricos ou reorganizam valores sociopolíticos. Entretanto, defender a preservação ou destruição de monumentos que narram memórias não é o objetivo do ofício do historiador, mas se aproveitar dos fatos e de documentos produzidos em larga escala para construir narrativas que promovem reflexões em torno do papel do cidadão diante do espaço em que ocupou e o tempo em que viveu.

A destruição, a pichação e outras formas de intervenções públicas aos monumentos históricos fazem parte de uma performance política precedente. Um monumento que foi posicionado em um espaço público configurou-se como um instrumento de elaboração da identidade coletiva. Todos os que transitam pelo espaço onde uma estátua ou qualquer outra obra de arte foi instalada possuem aproximações, interpretações ou identificações díspares, mas todos reconhecem aquele lugar a partir da referência que narra uma história, relembra

acontecimentos ou personalidades e constrói novas identificações entre os transeuntes. Isto é, o Estado, enquanto, instituição máxima de organização do campo político e administrativo que, a partir da sua soberania, delimita o seu território e elabora suas representações (BOBBIO, 1997; ANDERSON, 2008), entre outras funções, é responsável por validar discursos historiográficos que privilegiaram a atuação dos antepassados daqueles que se mantêm como gestores da máquina pública estatal. Sim, efetivamente, a memória funcional<sup>5</sup>, defendida pelo Estado, é opressora uma vez que atende aos interesses de legitimidade política e silencia as memórias que não estão alinhadas (POLLAK, 1989).

A atuação de movimentos sociais que contestam as representações das classes dominantes, o esforço político para que as diferenças sejam reconhecidas pelo discurso oficial e a ampliação da participação popular nos debates políticos, contudo, geraram na sociedade discussões teóricas e práticas sobre a preservação de monumentos dedicados aos vultos históricos que foram eleitos como heróis nacionais. À vista disso, questionar nomes de vias públicas ou a permanência de estátuas em praças tem sido um recurso político de negação da memória branca, aristocrática, cristã e militar. A reivindicação política está ancorada no entendimento de que o Estado não deve representar apenas àqueles símbolos dos sujeitos que sempre estiveram no poder e que de alguma forma silenciou as vozes que, hoje, possuem mecanismos de serem escutadas.

Historicamente, a memória da classe dominante conseguiu ser defendida por dispor de espaços que arquivassem a presença do homem branco europeu em todos os aspectos da sociedade, assim como por manter seu poder na organização do espaço urbano. Nesse contexto, o exercício de lembrar e esquecer datas, fatos e sujeitos faz parte de uma lúcida estratégia política de silenciar referências culturais de sujeitos subalternizados. Dessa forma, direcionamos nosso olhar sobre monumentos a partir da definição de Jaques Le Goff (2013), ou seja, “O monumento é um sinal do passado. Atendendo às origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação” e “tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos” (LE GOFF, 2013, p. 486).

Nesse contexto, tomamos como objeto de discussão para esse trabalho a estátua de Gustavo Barroso localizada na praça do Liceu em Fortaleza, capital do Ceará. Inaugurada em 1962, essa peça da cultura material cearense foi alvo de

manifestações de variados grupos políticos e de indivíduos que percorreram este espaço. Assim, nosso esforço, neste trabalho, foi o de analisar os processos e atores que intervieram no trabalho de constituição e formalização de memórias edificadas através do monumento dedicado a Gustavo Barroso em Fortaleza, assim como problematizar as controvérsias que rondam este artefato. Isto é, nosso esforço lidou com três tempos bem delimitados; 1- o passado que o monumento dedicado a Gustavo Barroso se remete, 2- o presente que edifica a memória do intelectual cearense orientado através dos seus valores morais e intelectuais, e 3- o nosso presente que lida com as transformações de mentalidade e reelabora os processos de lembrar essa personalidade.

Assim, esses tempos corroboraram para a divisão do trabalho em três tópicos diferentes. A titulação desses tópicos foi inspirada no conto *Funerais da Mamãe Grande* de Gabriel Garcia Marquez que narra os efeitos da morte da soberana de Macondo que exerceu domínio ao longo de 92 anos. A partir dessa história, conseguimos estabelecer uma relação entre o indivíduo, o poder e o monumento através da ritualização da morte. Nesse conto, o escritor colombiano conseguiu imprimir uma imagem que traduz as contradições entre o discurso historiográfico eloquente preocupado na monumentalização da história pátria e a narrativa que salienta o rastro de destruição causado pelo espetáculo do poder. Ao longo do cortejo fúnebre que acompanhava o corpo da Mamãe Grande, havia, também, a “vigilante sombra de urubus que seguiu o cortejo pelas ardentes ruazinhas de Macondo”, assim como “que ao passar dos ilustres [as ruas] se iam cobrindo por um pestilento rastro de excrementos”. Ao homenagear uma figura ímpar do autoritarismo brasileiro e que defendia veemente o antissemitismo, os acadêmicos do Instituto do Ceará e outras autoridades provocavam uma comoção nacional em torno de uma figura moribunda, solitária e em decomposição.

Para atingir nossos objetivos buscamos trabalhar, preferencialmente, com fontes jornalísticas que noticiavam as ações dos sujeitos envolvidos na organização do espaço urbano fortalezense e salientavam a posição de determinadas instituições no processo de edificação das memórias em torno da figura de Gustavo Barroso, como o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras e o Museu Histórico Nacional. Recorrentemente, utilizamos, também, discursos elogiosos a personalidade em questão, assim como epístolas trocadas entre Barroso e intelectuais cearenses, apontando para anseios íntimos e como a imagem do museólogo foi acionada para construir um imaginário social. Ambas as

documentações foram publicadas nos periódicos do Instituto do Ceará e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Junto a essa coleção, ainda nos utilizamos de *sites* eletrônicos e portais virtuais para ter noção dos debates atuais sobre a preservação da estátua do intelectual cearense. Esse acervo documental nos permitiu compreender como a imagem de Barroso foi disputada e como a praça pública se tornou o espaço de querelas, assim como onde o discurso foi representado para simbolizar princípios sociopolíticos defendidos em diferentes tempos.

**“Encostar o tamborete à porta da rua e começar a contar desde o princípio”:  
Gustavo Barroso e sua personalidade política-intelectual**

Ao salientar a querela em torno da conservação da estátua e da Praça Gustavo Barroso, entendemos que as controvérsias em torno dessa personalidade causam disparidades em sua representação social. As imagens elaboradas por museus, movimentos políticos e estudos especializados evocam identidades dúbias, mas que ocupam um mesmo espaço. A posição de criador/diretor do Museu Histórico Nacional (MHN), de presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) e sócio permanente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fornecia a Gustavo Barroso fala autorizada na formação e avaliação de políticas públicas nos campos da museologia, da história e da cultura. Em contrapartida, sua aproximação com personalidades ligadas ao integralismo e à publicação de livros que estimulavam o antissemitismo faz do erudito intelectual um importante articulador do pensamento autoritário brasileiro.

Recorrentemente, a personalidade antissemita de Gustavo Barroso e sua relevância no campo museológico brasileiro surgem em pesquisas acadêmicas através de uma ruptura que busca inteligibilidade do tema. Enquanto em determinados trabalhos, a imagem do grande difusor das ideias integralistas é reprimida em prol das suas atividades intelectuais, outros acentuam o caráter engajado da personalidade direcionando os seus esforços de erudição apenas à ideologização do pensamento autoritário brasileiro. Salientamos aqui, por exemplo, trabalhos que, apesar de sua inegável contribuição para o campo historiográfico e qualidade teórico-metodológica, circunscreveram a personalidade à sua escrita memorialística, a formação de uma metodologia expográfica e na formação de um

discurso histórico operacionalizado através de públicos específicos (CHAGAS, 2003; MAGALHÃES, 2006; MOREIRA, 2006).

Apesar disso, os estudos recentemente defendidos nos programas de pós-graduação do Brasil que buscam refletir sobre as múltiplas atuações de Gustavo Barroso apontam a impraticabilidade da segregação entre as suas publicações que defendiam o integralismo brasileiro e que contribuíam nos estudos em torno da história, do folclore e da museologia. Em outras palavras, discorrer sobre a linguagem museográfica ou a escrita historiográfica de Gustavo Barroso é examinar sua atuação política e sua formação intelectual a partir das leituras e trocas de ideias com as principais lideranças do conservadorismo nacional e internacional, visto sua articulação com outras personalidades da América Latina e Portugal (DANTAS, 2014; MELO JUNIOR, 2017). Dessa maneira, buscamos inserir nossa interpretação nesse circuito historiográfico que se faz urgente, visto as disputas que se instituíram no presente contexto sociopolítico.

Notoriamente, a história institucional do MHN se confundiu com a trajetória político-intelectual de Barroso a partir da criação do museu, em 1922, até a morte do cearense em 1959. As narrativas contempladas, assim como a organização dos objetos nas exposições, integravam os posicionamentos ideológicos defendidos por um sujeito que colaborou energeticamente com a estruturação do pensamento autoritário dos trópicos. Segundo Elyinaldo Dantas (2014), a visão barrosiana sobre o judeu estava calcada em um racismo que defendia a sobrevivência do ideal branco cristão-católico em contra partida da construção do outro inimigo que seria responsabilizado pelas degenerações daquele presente. Assim, as imagens do banqueiro desonesto, do grupo que pregava o racismo ou do complô judaico-comunista eram acionadas para construir álibis de agressão contra o elemento judeu.

Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso foi um erudito cearense que articulou entre várias frentes do campo cultural e do saber historiográfico brasileiro. Membro da Academia Brasileira de Letras (desde 1923), do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (desde 1931) e da Comissão Nacional do Folclore (desde 1947), Barroso iniciou sua carreira política como secretário estadual dos negócios do interior e da justiça de Liberato Barroso (1914-1916) logo após bacharelar-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1911, curso iniciado na Faculdade de Direito do Ceará. Em 1915, se despediu definitivamente de Fortaleza, partindo para o Rio de Janeiro para tomar posse como Deputado

Federal, no qual propôs a oficialização do Dia do Soldado e a formação do Primeiro Regimento de Cavalaria de Guardas, conhecido como Dragões da Independência. Entre suas principais obras, podemos citar: *Terra de Sol* (1912), *Praias e Várzeas* (1915) e *Segredos e revelações da história do Brasil* (1958).

A partir de 1932, Gustavo Barroso atuou ativamente na Ação Integralista Brasileira (AIB), agremiação política fundada por Plínio Salgado, que contou com a participação de outras figuras de influência, como Miguel Reale.<sup>6</sup> Nesse sentido, Gustavo Barroso foi um dos principais ideólogos do integralismo, viajou pelo país propagando as ideias do movimento e respaldou publicamente o antissemitismo, apesar de não ser um princípio defendido pelo patrono do movimento. Entre 1933 e 1938, o diretor do MHN traduziu e publicou inúmeros livros que difundiam o integralismo, o antissemitismo e o anticomunismo. Entre esses: *O Integralismo de Norte a Sul* (1934), *Brasil Colônia de Banqueiros* (1934)<sup>7</sup>, *Os protocolos dos sábios de Sião* (1936)<sup>8</sup> e *Comunismo, Integralismo e Corporativismo* (1938). Ao associar o pensamento integralista e os artigos de Gustavo Barroso nos *Anais do MHN*, Cavalcanti (1999) afirma que os estudos relacionados à museologia e à história realçavam o papel das instituições militares e católicas para narrar a história do processo civilizatório que o país passou após a chegada dos primeiros portugueses.

Visto a sua participação em um movimento político tão controverso na década de 1930, reverberando em interpretações futuras, principalmente, ligadas a sua atuação política e seu método de narrar a História do Brasil, Gustavo Barroso se tornou uma personalidade polêmica. Polêmica, não só por ter elaborado um discurso isolado que defendia a eugenia e o antissemitismo, mas por ter usado seu lugar de produção do conhecimento na reverberação do seu pensamento autoritário e racista, provocando debates em todo o país com adeptos de renome no cenário sociopolítico, como Tenório D’Albuquerque e Arthur Butler Maciel, assim como, principalmente, por ainda inspirar movimentos reacionários em todo país na contemporaneidade. Dessa maneira, refletir sobre os processos de lembrar a figura política de Gustavo Barroso é problematizar os mecanismos de representação social dos movimentos sociopolíticos de cada época. Isto é, se aproximar ou se afastar dessa memória é se apropriar de um passado que ainda persiste no presente.

**“Ninguém era indiferente a essa morte”: a inauguração da estátua de Gustavo Barroso em 31 de agosto 1962**

Entre 1959, ano da morte de Gustavo Barroso, e 1968, ano de seu octogésimo aniversário, várias comemorações públicas foram realizadas para homenagear essa personalidade. Os membros do Instituto do Ceará (IC), academia da qual Barroso fazia parte como sócio correspondente, realizaram conferências e sessões fúnebres para homenagear seu conterrâneo. Nesse período, foram publicados na Revista dessa agremiação acadêmica 4 artigos dedicados a esse vulto, incluindo discursos dos sócios efetivos e relatos biográficos. Ainda nesse recorte temporal, identificamos 3 artigos entre discursos e apreciações literárias no meio das publicações do IHGB. A Universidade do Brasil, o Ministério da Guerra e a ABL foram outras instituições que dedicaram homenagens a Gustavo Barroso nesse recorte.

Nas palavras de Raimundo Girão, em discurso pronunciado na sessão fúnebre do IC dedicada a Gustavo Barroso e presidida por Wilson Gonçalves<sup>9</sup>, em 29 de dezembro de 1959<sup>10</sup>, dia do 71º aniversário de Barroso, “de logo frutificou a semente. Começou a produzir a *obra intelectual* que havia de *monumentar-se* nas mais belas florações” (GIRÃO, 1959, p. 299). Já Luiz Sucupira, sócio efetivo do IC, em discurso aos fortalezenses presentes na cerimônia que acomodou os restos mortais de Gustavo Barroso no espaço da antiga Praça Fernandes Vieira, conclamou: “esta cerimônia (...) assume aspecto de uma *apoteose*, na vibração de um acontecimento ímpar, em que o carpimento é substituído pelos hosanas, apenas destinadas aos heróis e aos santos” (Grifo nosso) (SUCUPIRA, 1966, p. 217). Em ambos os relatos, o verdadeiro monumento erguido a Gustavo Barroso foi sua própria obra que, segundo a catalogação da ABL, chegou à marca de 128 livros e incontáveis artigos publicados em revistas acadêmicas e outros periódicos de circulação nacional e internacional.

Mas, como os vivos homenageariam o filho ilustre que tanto contribuiu para a inserção do Ceará na escrita da história do Brasil e na literatura nacional? Ainda em 1960, o jornal cearense *O Povo* indagou seus leitores qual rua ou praça deveria receber a denominação de Gustavo Barroso. De pronto, o periódico recebeu três sugestões: a antiga Rua Formosa (atual Rua Rio Branco) que fora o logradouro onde se situava a residência em que o antigo diretor do MHN nascera; a Avenida Visconde de Cauípe (atual Avenida da Universidade) por se configurar espaço de ciências e letras; e o prolongamento da Rua D. Leopoldina, a partir da Avenida Heráclito Graça.

Ao todo, foram 28 sugestões de logradouros que deveriam receber o nome do intelectual cearense. Entretanto, somente 8 sugestões receberam votos de 25 leitores ouvidos pelo jornal *O Povo*; Praça dos Mártires (6 votos), Rua Barão do Rio Branco (5 votos), Praça do Carmo (5 votos), prolongamento da Rua D. Leopoldina (2 votos), novos logradouros (2 votos), Praça Fernandes Vieira (1 voto), Avenida Visconde de Cauípe (1 voto) e Rua 24 de Maio (1 voto). Essas 8 sugestões foram analisadas por uma comissão formada por representantes do IC (Thomas Pompeu Sobrinho), da ACL (Raimundo Girão) e da Associação Cearense de Imprensa (Perboyre e Silva). Através desse concurso, se elegeria um espaço de Fortaleza para homenagear Gustavo Barroso e essa decisão seria encaminhada para os poderes legislativos e executivos do município.

Entretanto, só em 1962, que um logradouro fortalezense passou a se chamar Gustavo Barroso. O espaço escolhido foi a praça defronte ao Liceu do Ceará, instituição educacional que fez parte da formação dessa personalidade e que surgiu em inúmeras recordações do autor, assim como foi ponto de partida para escrever o memorialístico *Liceu do Ceará* em 1940. Em 1945, quando o Liceu do Ceará foi transferido do Largo do Garrote (atual Praça dos Voluntários) para a atual localização, antiga Praça Fernandes Vieira, Fortaleza prosseguia com seu projeto de civilização, ou seja, projetar-se como uma capital moderna e centro da vida política, intelectual e artística do estado (DANTAS, 2011; SILVA, 2015; CARDOSO, 2016). Em contrapartida, Barroso já se qualificava como o museólogo do MHN, membro da ABL e conhecido internacionalmente pela sua escrita historiográfica.

Além de espaço educacional, a Praça Fernandes Vieira foi palco político do integralismo fortalezense. Durante a década de 1930, o jornal *A Razão*, “órgão oficial da AIB na capital do Estado, diretamente ligado à chamada Chefia Provincial” (RÊGIS, 2013, p. 11), relatava diversas passeatas públicas que findava na praça ou comícios políticos que eram combinados nesse mesmo local. Esses eventos, segundo os artigos de *A Razão*, eram assegurados pela presença de policiamento, por farta iluminação elétrica e estrutura propícia para acolher os líderes do movimento. Em 10 de julho de 1937, o periódico anunciava: “*Convocação Integralista, preparação para desfile: A Secretaria Provincial de Educação*<sup>11</sup> convoca todos os ‘camisas-verdes’ de Fortaleza para a concentração de amanhã, na *Praça Fernandes Vieira*. Uniforme: ‘camisas verdes’” (Grifo nosso). Isto é, essa escolha foi consolidada não só por ser um espaço onde o intelectual frequentou em sua

juventude, mas por ser um espaço político de concentração do movimento integralista.

A Estátua de Gustavo Barroso foi financiada com recursos de crédito especial, aproximadamente 900.000 cruzeiros (ESTÁTUA..., 1962), sancionado pela lei proposta pelo governador Parsifal Barroso, aprovada pela Assembleia Legislativa do Ceará, e incentivada pelo Instituto do Ceará, “entidade responsável pela preservação do patrimônio histórico do estado” (DAMASCENO, 1966), que se firmava como “sentinela indormida do respeito às nossas esplêndidas tradições, do culto aos nossos valores cívicos e morais e de veneração àqueles que souberam honrar e glorificar a Terra da Luz” (SUCUPIRA, 1966, p. 220). Esse monumento foi esculpido em bronze por Leão Veloso<sup>12</sup>, possui 2,14 metros de altura e base de granito (ESTÁTUA..., 1962).

A solenidade de inauguração da estátua ganhou vieses nacionais através da divulgação em jornais de circulação nacional, como *O Jornal*, *Correio Brasiliense*, *Correio da Manhã*, *O Globo* e *Estado de São Paulo*. Além disso, a Casa da Moeda cunhou medalhas comemorativas da inauguração da estátua, “as quais terão, no anverso, a efígie de Gustavo Barroso com o fardão acadêmico e a seguinte legenda: Gustavo Barroso – 1888-1959 e, no reverso, o colar acadêmico com a legenda: inauguração da estátua de Gustavo Barroso – Fortaleza – Agosto – 1962” (O CEARÁ..., 1962). Essa cerimônia, inicialmente, foi marcada para acontecer em 26 de agosto de 1962 em comemoração ao cinquentenário da primeira publicação de *Terra de Sol*, mas, para aproveitar o ensejo, o evento foi adiado para o dia 31 de agosto para que a sexta edição do livro que laureou o intelectual fosse finalizado, além da coletânea de artigos *A margem da história do Ceará* organizada pela Imprensa da Universidade do Ceará.

Na inauguração da estátua, estavam presentes os sócios efetivos do IC, Luiz Sucupira, Raimundo Girão, Albano Amora e Mozart Soriano Aderaldo que, além de discursarem em memória de Gustavo Barroso, demarcaram seus respectivos espaços políticos na organização urbana de Fortaleza e defenderam a atuação da instituição da qual faziam parte. Na figura 1, impressa em *Cronologia ilustrada de Fortaleza* de Miguel Ângelo de Azevedo (2001), observamos o quarteto posando para a câmera.



Fonte: AZEVEDO, 2001.

### FIGURA 1

#### Inauguração da Estátua de Gustavo Barroso

Na imagem, identificamos que o ângulo vertical foi posicionado em *contra-plongée*, ou seja, de baixo para cima. Dessa maneira, compreendemos que a intenção foi registrar os intelectuais do IC em uma posição de superioridade, validando a ideia de que o conhecimento emanado por esses sujeitos os colocava em uma posição privilegiada no que diz respeito à vida política cearense. De antemão, a personalidade homenageada foi posicionada no lugar de maior destaque. Como podemos observar na imagem, a estátua de Gustavo Barroso foi posta no meio dos quatro intelectuais que prestigiaram a cerimônia de inauguração do monumento. Isto é, ao mesmo tempo em que a presença dos sócios efetivos do Instituto do Ceará estaria legitimando a ereção da estátua de Barroso em uma praça pública de Fortaleza, a própria memória do ex-diretor do MHN, reconfigurada pelo monumento, depôs a favor da posição desses sujeitos na escrita da história do Ceará. Assim, reforçando a posição de mestre de Gustavo Barroso e de discípulos que continuariam o esforço mental através da academia de história regional cearense.

A estátua em bronze de Gustavo Barroso está localizada no centro da pracinha do Liceu, no bairro Jacarecanga, posicionando-se de perfil se visualizada da instituição educacional que popularmente dá nome ao logradouro. Fisicamente, a estátua representa Barroso como um homem de aproximadamente 55 anos, trajado de terno e com uma postura ereta e braços cruzados para trás,

demonstrando uma posição de respeito e condolência. Porém, o intelectual morreu aos 70 anos e saliências ou envergaduras corporais não são visíveis em sua representação estatutuária. Luiz Sucupira afirmou que o porte físico de Barroso, “impressionantemente belo”<sup>13</sup>, despertava tanta admiração quanto seu intelecto. Assim, corroborando com a estética ocidental das estatutuárias públicas que se configuram pelo centralismo e pela simetria clássica (KNAUSS, 2000a), os agentes que lembraram o patriotismo de Gustavo Barroso reinventaram sua imagem para que o homem fosse enaltecido como personalidade que combatia o obscurantismo através do conhecimento. Orientado por uma estética intelectual socrática na qual corpo e mente se encontram em harmonia e são, a estátua reafirma o homem e a personalidade robusta de um intelectual que despertava admiração entre aqueles que conviveram com ele.

Mas, como a participação de Gustavo Barroso na Ação Integralista Brasileira foi enfrentada pelos intelectuais que defenderam a edificação da estátua de Gustavo Barroso? Através da suavização. Raimundo Girão, por exemplo, afirmara que a participação do diretor do MHN no movimento conservador seria um “culto cego da autoridade e da obediência, pelo mando absoluto sustentado pela disciplina passiva” (GIRÃO, 1959, p. 300). Na cerimônia de inauguração da estátua ou na acomodação dos restos mortais de Barroso no mesmo espaço, a imagem de intelectual nascido no Ceará, diretor do MHN e ex-presidente da ABL, que melhor descreveu sua terra e interpretou a identidade de seu povo foi privilegiada em detrimento à autoria de *Brasil, Colônia de Banqueiros* (1934) ou tradutor de *Os protocolos dos sábios de Sião* (1936). Isto é, retomando o discurso de Girão na sessão fúnebre do IC dedicada a Barroso, com exceção de sua produção antisemita e integralista, “o resto da sua obra é fruto da erudição pura, abraçando setores os mais diferentes” (GIRÃO, 1959, p. 301).

Com o mesmo objetivo de amenizar a atuação política de Barroso frente à AIB, o sócio efetivo do IC, Azarias Sobreira, revelou a correspondência do ex-diretor do MHN em que tentou se redimir de incontáveis erros, enquanto, personalidade pública. Direcionada a Sobreira, em 24 de maio de 1957, Barroso escreveu:

Estou com 68 anos feitos, mais cinco do que o senhor. Sai de minha terra natal com 21 e há 47, pois ando, como dizia Cervantes, *per los andurriales Del mundo*, exercendo os mais diversos misteres, *la Tetê contre lês murs*. Nessa longa peregrinação, confesso-lhe humildemente, tenho cometido incontáveis erros e pecados, mas afirmo-lhe perante Deus, nunca aluguei, vendi ou pus a serviço de qualquer material, a minha palavra ou a minha pena. Talvez tenha

esposado alguma causa difícil ou ingrata, mas o fiz de boa fé, creia, e disso não tirei proveitos, senão aborrecimentos e dores (BARROSO, 1961, p. 114).

A estátua de Gustavo Barroso, enquanto patrimônio material da cidade de Fortaleza, possui intencionalidades sociais que se firmaram através do simbolismo evidenciado no momento de sua construção e na continuidade do processo histórico. Se este monumento foi construído para evidenciar o papel de sujeitos agremiados em academias e institutos regionais na produção do espaço urbano de Fortaleza, este mesmo item material foi acionado em diferentes momentos para legitimar o Estado autoritário que se firmou a partir de 1964 ou para enaltecer o imaginário da “terra da luz” de onde emana o conhecimento que primeiro libertou seus escravos. Presentificar Gustavo Barroso através de sua estátua, mesmo que corroborando com o perfil do grande historiador e museólogo brasileiro, significou defender valores conservadores, militares, cristãos, aristocráticos e de superioridade étnica.

Em 29 de dezembro de 1965, uma comissão comandada pelo governador Virgílio Távora foi responsável por receber os restos mortais de Gustavo Barroso. Na manhã seguinte, foi realizada uma missa presidida pelo Dom José Medeiros Delgado, arcebispo de Fortaleza, em comemoração ao 77º aniversário do antigo militante do integralismo. Na mesma ocasião, após um cortejo que percorreu as ruas de Fortaleza, o presidente da República Humberto Castelo Branco depositou os restos mortais de Barroso no mausoléu instalado na base de sua estátua<sup>14</sup>, que ainda contou com salvas fúnebres e tiros de canhões. Dessa forma, a cerimônia contou com a presença de representantes das forças armadas nacionais, do catolicismo, de intelectuais de diversas instituições culturais e do poder executivo cearense e federal. Isto é, a participação desse grupo na cerimônia cívico-militar expõe o compromisso firmado entre Estado, Exército, Igreja e comunidade civil no manejo do regime de exceção instaurado em 1964. Corroborando com essa interpretação, evidenciamos inúmeros artigos publicados na imprensa cearense que denotaram o amor pela pátria demonstrado por Gustavo Barroso através de sua escrita historiográfica e pela atuação em inúmeras instituições culturais (HOJE..., 1965; GUSTAVO..., 1965; CEARÁ..., 1965).

Portanto, conseguimos identificar a praça e a estátua dedicadas a Gustavo Barroso como monumento que expressa dois sentidos apresentados por Jacques Le Goff, ou seja, de uma obra comemorativa e um “monumento funerário destinado a

perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada” (LE GOFF, 2013, p. 486). Isto é, a estátua foi qualificada como monumento que rememora, individual e coletivamente, a atuação de Barroso na sociedade cearense e brasileira. Nair de Moraes Carvalho<sup>15</sup>, conservadora de peças histórica do MHN, instruída pelo pioneiro curso de museus da mesma instituição estabelecido pelo Decreto n° 21.129, de 07 de março de 1932 e braço direito de Gustavo Barroso na política patrimonial praticada pelo museu, por exemplo, visitou o monumento posicionado na antiga Praça Fernandes Vieira e lembrou, nostalgicamente, dos momentos vividos com o intelectual cearense, assim como dos lugares que percorreu em suas três viagens em companhia de seu amigo.

Segundo Paulo Knauss, “a posição fixa e central da estátua organiza simbolicamente o espaço e o tempo da cidade” (KNAUSS, 2000a, p. 411). Dessa forma, a estátua de bronze de Barroso foi fixada em praça pública para a “perpetuação do seu nome na memória das gerações porvindouras” (SUCUPIRA, 1966, p. 219). Entretanto, como afirmou Luiz Sucupira à construção do espaço de recordação que envolve a estátua, a praça e os restos mortais de Gustavo Barroso “não é um fim de viagem. É o começo de uma epopeia” de disputas políticas em torno de uma figura controversa que contribuiu para o pensamento autoritário latino-americano reafirmado pela ditadura civil-militar de 1964 e reapropriado na contemporaneidade a partir do fôlego conquistado pelo movimento integralista brasileiro.

### **“Antes que os historiadores tenham tempo de chegar”: as disputas pelo espaço de memória em torno de Gustavo Barroso**

Visto a disseminação de movimentos reacionários na contemporaneidade brasileira, no ano de 2018, observamos a reordenação de grupos fortemente influenciados pelo histórico movimento integralista. Em Fortaleza, por exemplo, alguns grupos de jovens estudantes se utilizaram de ideias do passado para organizar agremiações e reivindicar politicamente espaços nos debates coletivos. Trajados com o fardamento verde, selados pela letra grega sigma ( $\Sigma$ ) e entoando “Anauê” (“você é meu irmão” em tupi)<sup>16</sup>, os integrantes da Frente Integralista Brasileira seção Ceará (FIB-CE) disseminaram imagens em diversas redes sociais virtuais (*Facebook, Instagram e Twiter*). Essas imagens exaltavam o monumento da Praça Gustavo Barroso no bairro Jacarecanga da capital cearense.

É válido lembrar que apesar da proibição de atuação dos partidos políticos a partir de 1937, ano da instalação do Estado Novo, consecutivamente da inoperância da Ação Integralista Brasileira, o integralismo não deixou de existir. Suas ideias continuaram a serem difundidas, seus defensores permaneceram vivos e novos partidos políticos foram criados após a reabertura democrática em 1946. O patrono do movimento, Plínio Salgado, só morreria no ano de 1975. Até lá, contribuiu para a formação do Partido de Representação Popular (PRP), fortemente disseminado entre a juventude estudantil brasileira. O PRP operou entre 1945 e 1965, quando foi ortogado o Ato Institucional nº 2 pela ditadura cívico-militar que institucionalizava o bipartidarismo no Brasil. Com um número considerável de representantes na Câmara durante toda sua existência, vários partidários se associaram à Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Dessa maneira, conseguimos compreender as permanências do pensamento autoritário brasileiro, assim como a associação de setores sociais às reformulações de movimentos conservadores.

Em 13 de setembro de 2019, a Praça Gustavo Barroso foi reinaugurada após ações de requalificação realizadas pela Prefeitura de Fortaleza. Foram instalados equipamentos que asseguraram o acesso de cidadãos com dificuldades especiais e a introdução de aparelhos que permitiam a prática de exercícios físicos pela população (PREFEITO..., 2019). Além dos moradores, atualmente, a praça, também, é frequentada por alunos do Liceu do Ceará, do Colégio Militar do Corpo de Bombeiros e da Escola de Artes e Ofícios Thomas Pompeu Sobrinho. No caso, a Secretaria Especial de Políticas sobre Drogas (antigo grupo escolar Fernandes Vieira) e a Defesa Civil do Ceará são outros edifícios públicos que se encontram no entorno da Praça Gustavo Barroso.

Contudo, por meio da investigação de artigos publicados na imprensa cearense, principalmente, através dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, e nos *blogs* de articulação e divulgação do movimento integralista contemporâneo, como *Quarto Império*<sup>17</sup> e o *site* oficial da *FIB*, inferimos que o espaço de recordação dedicado ao ideólogo antissemita é reivindicado por movimentos reacionários e rivalizado por movimentos progressistas. Corriqueiramente, nesses suportes de informação identificamos inúmeras denúncias de lideranças integralistas cearenses sobre as condições de preservação da praça ou sobre as intervenções realizadas por grupos designados, pejorativamente, de “degenerados morais” (MONUMENTO..., 2014).

No dia 2 de maio de 2010, Guinaldo Garcia Studart Filho, membro da FIB-CE, obteve espaço no jornal *O Povo* para denunciar a situação de conservação da estátua dedicada ao mentor do antissemitismo tropical. Ele requereu restauração da peça e maior fiscalização para proteger a estátua considerada patrimônio do grupo que ele faz parte. Patrimônio por ser referência dos encontros entre os membros do integralismo fortalezense, assim como alvo da memória coletiva e histórica desta agremiação. De acordo com Guinaldo Studart Filho, “a estátua onde jazem os restos mortais desse vulto cearense, autor de várias obras literárias, autor do hino de Fortaleza dentre outras realizações, está inteiramente pichada com palavrões e assinaturas de vândalos” (STUDART FILHO, 2010).

Para emitir uma denúncia que transparecesse uma conveniente isenção ideológica, Studart Filho destacou, sobretudo, a imagem de literato e patriota de Barroso. Em vista disso, aqueles que tinham uma perspectiva diferente dessa personalidade, que estabeleceram outras relações de pertencimento com a praça ou que profanaram este monumento como resistência a essa memória autoritária, podiam ser enquadrados como “vândalos”. De toda forma, se o princípio da gratidão orientou a construção da estátua, uma vez que a imagem de Gustavo Barroso foi individualizada para contemplar suas ações na coletividade (KNAUSS, 2000b, p. 408), o discurso de Studart Filho denunciava o processo inverso, o de ingratidão histórica aos esforços individuais dessa personalidade no contemporâneo. Isto é, Studart Filho elaborou um discurso autorizado para definir atitudes que fogem das normas e narrativas oficiais que promovem a “ordem patrimonial”, ou seja, a disciplina transmitida por uma suposta conscientização coletiva de preservação dos espaços públicos (MACHADO, 2015).

A suposta depredação da estátua de Gustavo Barroso descrita por Guinaldo Studart Filho em 2010 poderia, também, descrever o ocorrido com a mesma peça em maio de 2014, quando Sérgio de Vasconcelos, criador do *blog Quarto Império*, acusou os movimentos punk, comunista e anarquista por intervenções realizadas. Nas imagens publicadas no *blog*, podemos notar inscrições como, “morte aos fascistas” e “fascistas não passarão”, assim como o monograma que representa o movimento anarquista. Além disso, um tecido preto cobria a estátua, enquanto podemos observar os manifestantes gritando palavras de ordem e agindo contra a integridade da estátua. As fotografias foram republicadas no *blog* supracitado para denunciar a ação desses movimentos como “vandalismo”. Entretanto, pela ausência de referências por parte do autor, não pudemos chegar ao movimento responsável

por essas intervenções e nem identificar as intenções do grupo a partir do depoimento de quem denunciava o ato.



Fonte: Blog *O Quarto Império*. Disponível em: <http://oquartoimperio.blogspot.com/2014/05/monumento-de-gustavo-barroso.html>



Fonte: Blog *O Quarto Império*. Disponível em: <http://oquartoimperio.blogspot.com/2014/05/monumento-de-gustavo-barroso.html>

**FIGURA 2**

**Gustavo Barroso coberto por tecido preto**

**FIGURA 3**

**Intervenções a estátua de Gustavo Barroso**

Assim, concluímos afirmando que a Praça Gustavo Barroso foi ocupada por movimentos políticos de diferentes posições ideológicas. De um lado, os grupos que se empenham e que procuram conscientizar a população para conservação desse espaço de recordação. De outro, os grupos que enfrentam abertamente a ideologia conservadora ou que, simplesmente, negam a importância do líder antissemita e constroem, cotidianamente, outras relações com este espaço. A mudança de valores políticos, sociais e culturais, sobretudo após o processo de redemocratização, associada à manutenção da estátua de Gustavo Barroso, promoveu diferentes reações em torno do papel social que este item teria para a identidade local. Se os sócios efetivos do Instituto do Ceará e os membros do poder executivo cearense e brasileiro evidenciaram a intelectualidade do historiador cearense quando o monumento foi inaugurado, no presente, a escalada de grupos conservadores a política brasileira e a respectiva resistência a essa mobilização consagraram esse espaço de recordação em um campo de disputas políticas.

Dessa maneira, o que está em jogo é o direito pela memória e pela cidade. Conseguir demarcar espaços de recordações entre os logradouros da cidade é conquistar direito de participação no processo de elaboração da narrativa histórica de uma sociedade e fazer com que representações sociais sejam evidenciadas no espaço público. Entretanto, as disputas por memórias não ocorrem apenas no âmbito dos espaços, mas também no próprio campo dos sentidos. Assim como a imagem de intelectual que contribuiu para a museologia brasileira e para os estudos folclóricos se prestou para a edificação e manutenção da estátua de Gustavo Barroso, a sua imagem de antigo membro da Ação Integralista Brasileira e ideólogo do antissemitismo são utilizadas para preservar este item ao mesmo tempo em que é utilizada para legitimar ações contra a integridade da peça e defender a sua remoção.

Na cidade, compreendendo-a como espaço de disputa política e onde os vários estratos de tempo dialogam ou se enfrentam, os monumentos funcionam como manifestações públicas do que é aceito ou tolerado por uma sociedade em determinado período histórico. Dessa forma, denunciar ou defender a preservação da estátua de Gustavo Barroso faz parte de um exercício de reflexão em torno dos valores intelectuais e morais defendidos por nossa sociedade. Ao localizar o monumento dedicado a Gustavo Barroso na esfera global, verificamos que sua disputa não é um fato isolado. Em Bristol, Inglaterra, após cidadãos derrubarem a estátua do escravocrata Edward Colston, grupos reacionários lançaram substâncias químicas na intenção de violentar o busto dedicado ao dramaturgo negro Alfred Fagon, assim como ocorreu no Brasil em 2021, quando a estátua do bandeirante Borba Gato foi incendiada e grupos reacionários pintaram com tinta vermelha monumentos dedicados às personalidades que confrontaram o racismo e a repreensão, como Carlos Marighella e Marielle Franco (EM SP..., 2021).

No caso de Fortaleza, enquanto grupos defendem a preservação do monumento dedicado a um líder antissemita, espaços dedicados às personalidades que resistiram à opressão da Ditadura civil-militar brasileira, por exemplo, são sucateados ou desapropriados para promover um distanciamento entre os movimentos sociais herdeiros das lutas políticas pós-1964 e seus símbolos coletivos. Entre os exemplos dessa política de esquecimento das memórias subalternas e de presos políticos, a Casa Frei Tito de Alencar é o mais emblemático. Apesar de tombada pelo município em 2011, quando Fortaleza era governada pela prefeita petista Luiziane Lins, a modesta residência situada no centro da capital

cearense se encontra em um estado de conservação deplorável e sem incentivos públicos para que a população local ocupe este bem como um equipamento cultural e de memória. Entre 2011 e 2020, quando foi assinado o decreto municipal que definia o bem como propriedade pública, grupos estudantis e artísticos que recordavam a memória do padre cearense torturado pelo regime ditatorial, ocuparam a casa e formalizaram, inclusive, movimentos sociais, como o Ocupa Casa Frei Tito de 2018 (COSTA, 2021).

Quando a estátua de Gustavo Barroso foi inaugurada, a concepção de patrimônio e monumento ainda se configurava como reminiscências contemplativas que deveriam ser testemunhadas pela coletividade. Entretanto, os métodos de transmissibilidade, os valores sociais e os significados coletivos foram reordenados e as mensagens evocadas tiveram que ser redefinidas (POULOT, 2009). Dessa forma, o sentido atribuído a um monumento isolado acaba influenciando a reconfiguração do que é patrimônio. Isto é, se os significados impostos nesta peça da cultura material cearense foram subvertidos através das práticas espaciais adotadas pelos transeuntes, o pedaço de bronze já não transmite a mensagem que os membros do Instituto do Ceará imaginaram.

### **Considerações finais: “virão os varredores e varrerão o lixo de seus funerais, por todos os séculos e séculos”**

A fixação da estátua de Gustavo Barroso em comemoração ao 50º aniversário de publicação de *Terra de Sol* renovou a discussão do papel do Estado na formalização de memórias e na edificação de monumentos públicos no Ceará. Após 1962, outros projetos foram avaliados ainda pelo governo de Parsifal Barroso. Segundo o jornal *Unitário*, de 22 de julho de 1962, após a inauguração da estátua de Gustavo Barroso, outras personalidades ilustres seriam homenageadas em praça pública, como Capistrano de Abreu, Clóvis Bevilacqua, Delmiro Gouveia e Farias Brito.

Desde a inauguração da estátua, se passaram 60 anos e muitas transformações ocorreram nesse período. Passamos por um período ditatorial que censurou e torturou vozes resistentes ao autoritarismo brasileiro fortemente influenciado pelo movimento integralista, tracejamos um caminho para a redemocratização que, apesar de ter a maior participação de movimentos sociais, reordenou as peças de um jogo político que continua reacionário e assistimos a

ascensão e derrocada de um governo que possibilitou maior participação popular e concebeu novos métodos de experienciar a democracia no Brasil. Entretanto, a estátua do intelectual brasileiro expoente do antissemitismo tropical ainda continua no mesmo lugar em que foi fixada, na Praça Gustavo Barroso. Concordando com Knauss (2000a), o tempo da cidade é um tempo que permanece, ou seja, que se firmou entre os vários passados e transita pelo presente. Dessa forma, preservar a estátua de um intelectual que incentivou o desenvolvimento do pensamento autoritário e defendeu ideias de superioridade racial, mesmo que, também, tenha contribuído com o desenvolvimento da política cultural, como a museologia e a literatura, demonstra os valores que ainda persistem no Estado brasileiro.

Longe de se configurar como uma peça inanimada, a estátua de Gustavo Barroso conta com a presença de sujeitos que, cotidianamente, reafirmam seus valores através das interações com esse espaço. Preservar integralmente a estátua e os restos mortais de Barroso em praça pública sem que permita a intervenção da população que convive com esses objetos, é reforçar a dimensão de monumento da peça. Esse espaço não educa, mas sim homenageia um defensor da eugenia racial. A narrativa pública defendida é aquela que privilegia um sujeito que alçou os espaços intelectuais brasileiros mais prestigiados do século XX, mas não problematiza as suas ideias ou suas práticas. Assim, como lidamos com este passado, um passado que ainda persiste?

Os que defendem a manutenção da estátua apelam para o discurso de esquecimento da história, mas será possível apagar o registro de um intelectual que foi tão prestigiado pelos espaços de produção do conhecimento e que ainda hoje é tomado como pioneiro de campos das ciências humanas e de políticas culturais? Para narrar a história dessa personalidade não falta matéria-prima para que o historiador consiga imprimir suas interpretações, assim como para reconhecer o papel elogioso desse intelectual na promoção da política cultural nacional não é preciso esquecer o seu papel no desenvolvimento do pensamento eugênico.

Após a proibição da existência de múltiplos partidos políticos com a institucionalização do golpe de 1937, o integralismo se dissolveu, mas foi se adaptando a outras correntes ideológicas, assim como conseguiu se desenvolver no interior das instituições democráticas pós-1945. Junto ao espírito cordial brasileiro, este movimento conseguiu se disfarçar entre os movimentos democráticos quando suas posturas reacionárias eram inconcebíveis a determinados contextos. Mas, em outros momentos, se mostravam potentes contra o levante progressista.

Ordenado pelos movimentos urbanos de 2014 e reafirmado pelo golpe de 2016, o programa político reacionário se mobilizou entre as ruas de todo o país, promovendo protestos públicos, e se articulou com outras pautas conservadoras postas a partir do processo eleitoral de 2018. Se o integralismo foi influenciado pelo fascismo italiano, hoje este mesmo movimento encontra refúgio em partidos apadrinhados pelo bolsonarismo, como o PTB de Roberto Jefferson.<sup>18</sup> Além disso, é válido destacar a associação de integrantes declarados da Frente Integralista Brasileira (FIB) ao antigo Partido Social Liberal (PSL) ou, diretamente, ao governo de Jair Bolsonaro, como o suspeito pelo atentado à sede da produtora Porta dos Fundos, Eduardo Fauzi, em 24 de dezembro de 2019, e Paulo Fernando Melo da Costa, atual Republicanos, nomeado assessor especial do Ministério da Mulher, da Família e Direitos Humanos, também, em dezembro de 2019 (BERNARDO, 2021).

A política cultural baseada no culto aos monumentos é uma política autoritária que santifica assassinos, genocidas e todos aqueles que, de alguma forma, não mediram esforços para se manter no poder. Enquanto a política de memória atua principalmente na preservação de fragmentos insípidos de bronze, arquivos e museus que conservam documentos da história do Brasil estão se esfarelado. Na última década, instituições de memória sofreram com a falta de investimentos e tiveram partes de seus acervos prejudicados pela ação de incêndios causados pela falta de manutenção. Exemplo desse sucateamento e respectiva ação de depredação administrativa premeditada, o Memorial da América Latina (2013), o Museu da Língua Portuguesa (2015), o Museu Nacional do Rio de Janeiro (2018) e a Cinemateca Brasileira (2021) foram alguns dos órgãos que, nesse período, sentiram o vandalismo institucional que emerge através dos três níveis de governo

## NOTAS

- <sup>1</sup>. Segundo a pesquisa elaborada pela consultoria Atlas Político, divulgada em 30 de julho de 2021, o desempenho do governo Bolsonaro foi avaliado como ruim ou péssimo por 59% dos pesquisados. Nessa mesma pesquisa, identificamos também que o índice de aprovação caiu para 26%, demonstrando que o envolvimento do presidente em escândalos de corrupção, a incapacidade de conter a pandemia de coronavírus e as polêmicas declarações preconceituosas contribuíram para o desgaste da imagem política de Bolsonaro. Ver: XAVIER, 2021.
- <sup>2</sup>. Após o assassinato do jovem negro George Floyd pelo policial americano Derek Chauvin no estado de Minnesota, em 25 de maio de 2020, estourou em todo o território estadunidense manifestações convocadas pelo movimento ativista *Black Lives Matter* que possuía a intenção de questionar o racismo e o genocídio da população afro-americana.

Rapidamente, os protestos se espalharam pelos Estados Unidos da América e outros países onde o mesmo movimento ativista possuía influências, como a Inglaterra.

3. No Chile, desde outubro de 2019, vêm ocorrendo manifestações em prol de maior equidade social e pela defesa de melhores condições de vida. Como gatilho, o aumento da tarifa de metrô motivou milhares de pessoas a protestarem nas ruas de Santiago e a reivindicar reformas radicais à constituição elaborada ainda no governo ditatorial de Augusto Pinochet em 1980. Nesses protestos urbanos, igrejas foram incendiadas, monumentos que homenageavam colonizadores e ditadores foram derrubados, pichados e arrancados de seus pedestais. Segundo a edição do jornal espanhol *El País* de 26 de janeiro de 2020, até aquele momento, 329 monumentos públicos chilenos foram danificados pelos manifestantes. Ver: MONTES, 2021.
4. Manoel de Borba Gato foi um bandeirante paulista que desbravou o interior de Minas Gerais em busca de jazidas de esmeralda e de prata. Entre 1682 e 1699, permaneceu foragido por ter assassinado o fidalgo a serviço do Império Português, Rodrigo de Castelo Branco. Nesse período, Borba Gato encontrou ouro entre as atuais cidades mineiras de Ipatinga e Sabará, onde iniciou o povoamento da região. Entretanto, esse processo de instalação, só foi possível através do massacre dos índios que não se renderam a iniciativa de colonização do território e sua respectiva escravização.
5. Segundo Aleida Assmann (2011), memória funcional é um instrumento de poder que elabora uma imagem sobre um grupo político, social ou do próprio Estado. Dessa maneira, disputar por esse instrumento é competir pela garantia de fala no projeto político vigente ou que se quer impor.
6. Miguel Reale (1910-2006) foi um importante intelectual conservador que atuou na Ação Integralista Brasileira como um de seus principais ideólogos e participou como relator em 1964 do Ato Institucional nº 1 a Constituição Brasileira de 1946. Em um primeiro momento, apoiou o modernismo ligado a Semana de Arte Moderna e a Revolução de 1930 que pôs Getúlio Vargas no poder, mas em 1932 apoiou a Revolução Constitucionalista Paulista, na qual começou a entrar em contato com ideias de direita que possibilitou a criação do Integralismo. Durante a atuação da AIB, esse intelectual integrou a cúpula do partido, atuando, principalmente, na Secretaria de Doutrina da agremiação, na Câmara dos Quarentas e na publicação de textos que propagavam as ideias integralistas, como: *Formação da política burguesa* (1934), *ABC do Integralismo* (1935) e *O capitalismo internacional* (1935).
7. O livro *Brasil, uma colônia de banqueiros*, publicado em 1936, é uma interpretação de Gustavo Barroso sobre a atuação de banqueiros na economia nacional entre 1924, quando o Brasil tomou empréstimos providos da Inglaterra para que a independência fosse reconhecida por Portugal, e 1934, ano da conferência realizada na sede da Ação Integralista do Rio de Janeiro intitulada “Brasil, uma colônia dos Rotschild”. Entretanto, em sua interpretação, Gustavo Barroso destacou o papel de famílias judias inglesas e americanas na subalternização do Brasil a economia internacional. Dessa forma, induzindo a compreensão de que a restrição do país a atividade agrária, industrialmente, atrofiada, seria responsabilidade dos judeus que formavam “um Estado dentro do Estado” com o objetivo de “escravizar o trabalho cristão” (BARROSO, 1936, p. 31).
8. *Os protocolos dos sábios de Sião* foi um livro publicado pela primeira vez em 1909, na Rússia, com o objetivo de reforçar o poder czarista e propagar ideias conspiratórias contra a comunidade judaica que supostamente tinha planos de dominação mundial no campo da política e da economia. Segundo Dantas (2014), Gustavo Barroso entrou em contato com essa produção após Madeira de Freitas, companheiro de partido, indicar a edição francesa para a sua apreciação. Assim, as ideias propagadas nesse livro influenciaram, principalmente, o seu estudo *Brasil Colônia de Banqueiro* (1934).
9. Vice-governador do Ceará entre 1959 e 1963, quando Parsifal Barroso exerceu mandato de governador. Apesar de ter nascido no estado da Paraíba, Wilson Gonçalves fez carreira política no Ceará após concluir seus estudos na Faculdade de Direito do Ceará em 1937.

Foi eleito prefeito do Crato para exercer mandato ente 1943 e 1945. Em 1964, se filiou à Aliança Renovadora Nacional (ARENA) da qual foi eleito senador em 1970.

10. Segundo Pantaleão Damasceno, jornalista que cobriu o evento a serviço do jornal cearense Unitário ligado aos Diários Associados, a comemoração do septuagésimo primeiro aniversário de Gustavo Barroso foi uma iniciativa do Instituto do Ceará, da Academia Cearense de Letras e da Associação Cearense de Imprensa. Cotou com a participação de inúmeros nomes da política do estado, como Alencar Araripe, Antônio Girão Barroso, Antônio Gondim de Lima, Augusto Tavares de Sá Benevides, Boanerges Facó, Braga Montenegro, Carlos Studart Filho, Cruz Filho, Clodomir Teófilo Girão, Faustino de Albuquerque, Filgueiras Lima, Francisco Braz de Araújo, Francisco Peixoto Filho, Gastão Justa, Haroldo Sanford Barros, Herriqueta Galeno, Ivanildo Barros Pinheiro, João Clímaco Bezerra, João Perboyre e Silva, José Denizard Macedo, José Raimundo Linhares Pontes, Luiz Sucupira, Luiz Texeira Barroso, Manoel Albano Amora, Misael Gomes, Mozart Soriano Aderaldo, Natanael Cortez, Neri Camelo, Pedro Sampaio, Raimundo Girão, Raul Rocha, Sidney Neto, Theodorico Barroso, Vicente Roque, Wanderley Uchoa, Wilson Gonçalves.
11. A Secretaria Provincial de Educação era um órgão submetido à Ação Integralista Brasileira responsável por discutir, semanalmente, a formação da juventude integralista cearense. Entre as estratégias e práticas empreendidas por esse órgão, identificamos, entre as páginas do jornal *A Razão*, o chamamento público de jovens estudantes a comparecer aos grupos de formação e a orientação bibliográfica de autores cearense e brasileiros que difundiram uma escrita nacionalista e patriótica. Vale ressaltar que o movimento integralista brasileiro, principalmente, na figura de Plínio Salgado, procurou lançar projetos em torno da educação. Segundo Schmidt (2008), o projeto educacional integralista influenciou a formação de jovens e adultos através de uma concepção assistencialista.
12. Hildergado Leão Veloso (1899-1966) foi um escultor brasileiro que trabalhou na elaboração de vários monumentos que homenageavam personalidades de destaque no cenário político e cultural brasileiro. Entre suas obras, ressaltamos as estátuas de D. Pedro II e Teresa Cristina presentes na Catedral de Petrópolis, o mausoléu da Marinha Brasileira do Cemitério São João Batista (Rio de Janeiro) dedicado aos soldados que lutaram na Primeira Guerra Mundial e os monumentos dedicados a Getúlio Vargas na cidade catarinense de Laguna (1943) e fluminense de Volta Redonda (1957).
13. Descrição que parece ser unânime entre aqueles que conviveram com Barroso e assim, descreveram seu porte físico. Herman de Lima, através de artigo de Silva Mello intitulado *Gustavo Barroso, o homem* publicado em 31 de julho de 1961 pelo jornal carioca *Luta Democrática*, descreve o intelectual como “alto, espadaúdo, o peito aberto numa altanaria de gladiador (...) de uma beleza varonil, a cabeça de traços enérgicos contrastando estranhamente com o olhar velado, de uma singular melancolia sonhadora”.
14. Verificamos na correspondência direcionada ao Padre Azarias Sobeira por Antonieta Labouriau Barroso, viúva de Gustavo Barroso, de 24 de fevereiro de 1961, que era desejo do próprio cearense que seus restos mortais e de seu pai, transferidos para o Cemitério São João Batista em 29 de dezembro de 1965, fossem depositados em território cearense.
15. Nair de Moraes Carvalho (1914-2018) nasceu em Salvador, no estado da Bahia. Em sua trajetória no Museu Histórico Nacional, demonstrou íntima relação com Gustavo Barroso. Entre os anais do MHN, por exemplo, identificamos inúmeras falas públicas e elogiosas de Nair de Moraes Carvalho ao fundador da instituição em que se consagrou como museóloga e coordenadora do Curso de Museus. Em discurso pronunciado no Instituto do Ceará, Nair de Moraes Carvalho lembrou que possuía todos os livros de Gustavo Barroso, alguns em todas as suas edições, assim como contribuiu na datilografia e na revisão desses textos e os relia em busca de inspiração intelectual.
16. Esse atuante grupo de integralistas fortalezenses mimetizava a performance corporal e política de seus influenciadores da década de 1930. Segundo João Rameres Régis (2004), os membros da Ação Integralista Brasileira, pejorativamente, conhecidos como galinhas-

verdes pelos moradores de Limoeiro do Norte no Ceará, tinham como indumentária a camisa verde para demonstrar o patriotismo brasileiro e evidenciavam a letra grega sigma ( $\Sigma$ ) que significava a união/soma entre os integrantes. Dessa forma, publicamente, essa performance política tinha a intenção de uniformizar o movimento, ou seja, a partir da união desses indivíduos se formaria uma massa hegemônica e patriótica que entoaria juntos o grito “Anauê”. Influenciados pelas apresentações do exército fascista e nazista, os integralistas marchavam como soldados nas diversas manifestações públicas promovidas pelo movimento, uniformizando seus passos e alinhamentos.

- <sup>17</sup>. *Blog* dedicado a emitir opiniões, posicionamentos e pensamentos políticos de Sergio de Vasconcelos. Segundo o perfil publicado no endereço eletrônico, o autor se define como integralista e comerciante de livros usados. É autor do livro *Integralismo: Um novo paradigma* publicado em 2014. A nomeação desta página se dá em homenagem ao livro publicado por Gustavo Barroso em 1935 pela editora José Olimpo. Neste livro, Barroso aprofunda “suas teses antissemitas a partir do desenvolvimento de uma interpretação integralista da história da humanidade, baseando a perseguição aos judeus em uma teoria das raças (...) no intuito de estabelecer seu domínio” (DANTAS, 2014, p. 64).
- <sup>18</sup>. Entre os meses de junho e julho de 2021, o Partido Trabalhista Brasileiro do estado de São Paulo admitiu líderes integralistas entre os partidários da legenda. Incluindo o nome de Moisés José Lima, presidente da atual Frente Integralista Brasileira, a filiação foi defendida pelo presidente do PTB, Roberto Jefferson, que defende uma radicalização a direita do partido.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. São Paulo: Editora da UNICAMP. 2011.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. *Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Fortaleza: Edições UFC. 2001.

BARROSO, Antonieta Labouriau. [Correspondência]. Destinatário: Azarias Sobreira. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1961. *Revista do Instituto do Ceará*, n. 75, 1961.

BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros: história dos empréstimos de 1824 a 1934*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

BARROSO, Gustavo. [Correspondência]. Destinatário: Azarias Sobreira. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1957. *Revista do Instituto do Ceará*, n. 75, 1961.

BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. 3. ed. Fortaleza: UFC; Casa de José de Alencar, 2000.

BERNARDO, André. Quem são os integralistas, o fascismo brasileiro que mantém seguidores até hoje. *BBC News Brasil*, Rio de Janeiro, 21 ago. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese>. Acesso em: 10 set. 2021.

BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1986.

CARDOSO, Gleudson Passos. *Práticas letradas e a construção do mito civilizador: “luzes”, seca e abolicionismo em Fortaleza (1873-1904)*. Fortaleza: Ed. UECE. 2016.

CARVALHO, Nair Morais. Gustavo Barroso. *Revista do Instituto do Ceará*, n. 77, 1964.

CAVALCANTI, Lauro. Modernistas, arquitetura e patrimônio. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

CEARÁ recebeu restos mortais de Gustavo Barroso. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 30 dez. 1965. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CHAGAS, Mário de Souza. *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro, 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

CONSTRUÇÃO de estátua-monumento em memória de Gustavo Barroso. *Unitário*, Fortaleza, 12 jan. 1960. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CONVOCAÇÃO integralista, preparação para desfile: a Secretaria Provincial de Educação convoca todos os ‘camisas-verdes’ de Fortaleza para a concentração de amanhã, na Praça Fernandes Vieira. Uniforme: ‘camisas verdes’. *A Razão*, Fortaleza, 10 jul. 1937. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 10 ago. 2021.

COSTA, Isabel. Casa Frei Tito vai virar memorial. *O Povo*, Fortaleza, 27 mar. 2021. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br>. Acesso em: 8 nov. 2021.

DAMASCENO, Pantaleão. Homenagem do Instituto do Ceará, da A.C.I. e da Academia Cearense de Letras a Gustavo Barroso. *Unitário*, Fortaleza, 3 jan. 1960. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

DAMASCENO, Pantaleão. Gustavo Barroso volta à terra cearense esculpido numa bela estátua de bronze. *Unitário*, Fortaleza, 22 jul. 1962. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

DANTAS, Elynaldo Gonçalves. *Gustavo Barroso, o Führer brasileiro: nação e identidade no discurso integralista barroseano de 1933-1937*. Natal, 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *Mar à vista: estudo da maritimidade de Fortaleza*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

EM SP, monumento a Marighella é coberto por tinta vermelha, e Escadão Marielle Franco, pichado com frase “viva Borba Gato”. *G1*, São Paulo, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 2 ago. 2021.

ESTÁTUA de Gustavo Barroso, dia 18, na praça que tem o seu nome. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 8 ago. 1962. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

ESTÁTUA de Gustavo Barroso na praça que tem seu nome. *O Povo*, Fortaleza, 10 jul. 1962. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

GIRÃO, Raimundo. Gustavo Barroso. *Revista do Instituto do Ceará*, n. 72, 1959.

GUSTAVO Barroso. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 30 dez. 1965. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

HOJE em Fortaleza os restos mortais de Gustavo Barroso. *Unitário*, Fortaleza, 29 dez. 1965. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

KNAUSS, Paulo. Imaginária urbana: escultura pública na paisagem construída do Brasil. In: SALGUEIRO, Heliana (org.). *Paisagem e arte*. São Paulo: CBHA. 2000a.

KNAUSS, Paulo. O descobrimento do Brasil em escultura: imagens do civismo. *Projeto História*, São Paulo, n. 20, 2000b.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2013.

MACHADO, Diego Finder. Pensar sobre o vandalismo: os ataques contra o patrimônio cultural e as possibilidades de investigação no campo da História. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA- ANPUH, 28., *Anais...*, Florianópolis, 2015.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Culto da saudade na casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. 2006.

MANIFESTANTES ocupam casa de Frei Tito em busca de preservação do patrimônio público. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 11 ago. 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br>. Acesso em: 8 nov. 2021.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. *Os funerais da Mamãe Grande*. Rio de Janeiro: Record. 2014.

MELLO, A. da Silva. Gustavo Barroso, o homem. *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1961. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MELO JUNIOR, Antônio Ferreira de. *A assinatura “Gustavo Barroso”: análise do discurso narrativo de Ideias e Palavras, a Ronda dos Séculos e Os Protocolos dos Sábios de Sião*. 2017. Natal, 2017. Dissertação (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MONTES, Rócio. Protestos do Chile questiona história oficial das estátuas. *El País*, Santiago do Chile, 26 jan. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso em: 1º ago. 2021.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *No norte da saudade: esquecimento e memória em Gustavo Barroso*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NOTA sobre o incêndio da estátua de Borba Gato. *Informativo Eletrônico da ANPUH – Associação Nacional de História*, São Paulo, 30 jul. 2021. Disponível em: <https://anpuh.org.br/>. Acesso em: 1º ago. 2021.

O CEARÁ a Gustavo Barroso. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1962. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. São Paulo: Vértice, 1989.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI*. São Paulo: Liberdade. 2009.

PREFEITO de Fortaleza entrega requalificação da Praça Gustavo Barroso. Prefeitura Municipal de Fortaleza, 12 set. 2019. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-entrega-requalificacao-da-praca-gustavo-barroso>. Acesso em: 20 dez. 2020.

QUE RUA ou praça deveria se chamar Gustavo Barroso. *O Povo*, Fortaleza, 28 jan. 1960. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.

REGIS, João Rameres. *“Galinhas-verdes”*: memória e história da Ação Integralista Brasileira Limoeiro - Ceará (1934-1937). Fortaleza, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará.

REGIS, João Rameres. O integralismo no interior do Ceará (1932-1937): adequações ao jogo político local. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- ANPUH, 27., Anais..., Natal, 2013.

SCHMIDT, Patrícia. *Plínio Salgado: o discurso integralista, a revolução espiritual e a ressurreição da nação*. Florianópolis, 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA, Anderson de Souza. *O Salão de Abril em dois momentos: Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) e Prefeitura Municipal de Fortaleza*. Fortaleza, 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará.

SUCUPIRA, Luiz. Gustavo Barroso. *Unitário*, Fortaleza, 1º jan. 1966. *Revista do Instituto do Ceará*, n. 80, 1966.

VASCONSELOS, Sérgio de. Quarto Império. *Blog O Quarto Império*, 10 dez. 2013. Disponível em: <http://oquartoimperio.blogspot.com/>. Acesso em: 9 jun. 2020.

XAVIER, Getúlio. Para 59% dos brasileiros, Bolsonaro é ruim ou péssimo, aponta pesquisa. *Carta Capital*, Rio de Janeiro, 30 jul. 2021. Disponível em: [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br). Acesso em: 1º ago. 2021.

**Pedro Henrique da Silva Paes** é Doutorando e Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Ensino de Ciências Humanas pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará (IFECT-CE), câmpus de Caucaia.

**Como citar:**

PAES, Pedro Henrique da Silva. Um ariano forjado em bronze: reflexões sobre as disputas de memória em torno da estátua e da praça dedicadas a Gustavo Barroso – Fortaleza, Ceará (1962-2019). *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 148-175, jul./dez. 2020. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).